

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a5>

O Português em contacto no Sudeste Asiático: o caso do Kristang (crioulo de Malaca)

YANG Aoran^a & JIANG Li^b

Resumo

A partir do século XVI, devido à expansão colonial, o Português teve grande difusão por quase todo o Sudeste Asiático, provocando o surgimento de diversos crioulos de base portuguesa nesta região, dentre os quais ainda sobrevive o crioulo de Malaca, o Kristang. Com o objetivo de analisar o papel do superstrato e do substrato no processo do contato linguístico, o presente trabalho pretende ilustrar a ecologia linguística que contribui para a formação e evolução do Kristang, bem como algumas características gramaticais deste crioulo, designadamente a sua tipologia linguística, a concordância gramatical, a omissão do verbo copulativo, o sistema tempo-aspetual, a reduplicação e o empréstimo lexical.

Palavras-chave: *Português em contato; crioulos de base portuguesa; Kristang; interação ecológica.*

1. Introdução

O contato entre línguas constitui um dos processos essenciais que contribui para a variação linguística e que propicia, de maneira progressiva e sistemática, uma situação de mudança relativamente a alguns parâmetros da língua (Faria, 2003). Dependendo de vários fatores, nomeadamente de ordem social, política, geográfica e cultural, o contato entre línguas pode ter diferentes resultados, dentre os quais o surgimento de novas línguas (pidgins e crioulos), objeto de estudo deste trabalho.

No caso do português, a partir da época das navegações, a língua começou a estender-se por quase toda a Ásia -Pacífico devido à fixação de portugueses

e à criação de entrepostos de suporte a atividades comerciais na região (Segura, 2013). Desde o período inicial da colonização portuguesa, os europeus, designadamente missionários, comerciais ou oficiais, passaram a marcar a sua presença no Sudeste da Ásia, região na qual conviviam, na altura, indivíduos de várias proveniências, tais como europeus, mão-de-obra asiática e escravos transportados de África (Cardoso, 2016). Em consequência, o Português converteu-se, em certa medida, em língua franca, que funcionava como “meio de comunicação entre uma população linguisticamente tão heterogénea” (Cardoso, 2016: 70), o que contribui efetivamente para a criação de pidgins e crioulos de base portuguesa nesta zona.

^a Universidade de Estudos Internacionais de Beijing, China/Universidade do Porto, Portugal || ✉ aoran02041109@gmail.com

^b Instituto Politécnico de Macau, China || ✉ jiangli@ipm.edu.mo

Tendo em conta a vasta gama de funções em diferentes contextos sociolinguísticos, é quase impossível abordarmos, de forma geral, todas as “variedades asiáticas do Português” (mais precisamente “variedades do Sudeste Asiático”) neste trabalho. Assim, entre os crioulos de base portuguesa, vamos nos concentrar no Kristang.

O Kristang, ou “fala cristã”, é uma língua crioula que conta atualmente com cerca de 1.000 falantes nativos em Malaca (Baxter, 2005) e é considerado como “the last surviving variety of Creole Portuguese in South East Asia which still functions as a mother tongue and home language of a speech community” (Baxter, 1988: vii). Sendo uma variedade claramente reestruturada que combina elementos gramaticais tanto do superstrato como dos diferentes substratos, verifica-se que o Kristang serve como o exemplo mais ilustrativo e mais representativo através do qual se pode entender o processo do contato entre o Português e algumas línguas locais na ecologia específica do Sudeste da Ásia.

Deste modo, começamos, na seção 2, por fazer uma reflexão teórica relacionada com o estudo de línguas crioulas. Em seguida, na seção 3, procede-se a uma análise em relação à ecologia em que se realiza o contato do Português com línguas locais, tendo como objetivo descrever a situação de contatos formada anteriormente ao desenvolvimento do Kristang. Na seção 4, concentramo-nos em algumas propriedades gramaticais do crioulo de Malaca, que podem pôr em relevo a importância da interação ecológica no processo de reestruturação do crioulo antes de partirmos para as considerações finais.

2. Enquadramento teórico

Tradicionalmente, os crioulos “contrast with the European languages providing most their words – traditionally referred to as the *superstrate* or *lexifier* – in lacking a significant amount of their grammatical machinery” (McWhorter, 2019: 283).

Nesse sentido, quanto ao processo de formação dos crioulos de base portuguesa, pode-se considerar que um crioulo é de “base portuguesa” quando o português, como a língua socialmente dominante (de superstrato), fornece as unidades lexicais, na maioria dos casos, reconhecidamente de origem portuguesa, embora a sua estrutura seja regida por regras fonológicas e morfológicas próprias, o seu valor semântico não seja necessariamente equivalente e as construções sintáticas apresentem diferenças (Pereira, 2006)¹.

2.1. Produtos do contato: pidgins e crioulos

Para que haja contato de línguas, o pressuposto óbvio é que existam pelo menos duas línguas diferentes (ou dialetos). Por essência, os produtos do contato dependem do grau de interferência ocorrida entre a língua alvo (LA) e a língua de origem (LO), que designamos como transmissão irregular de língua (Lucchesi, 2008, 2012). A LA pode não sofrer qualquer mudança tipológica sob interferência leve, ao passo que pode haver rutura tipológica quando existe forte interferência. No entanto, mesmo sob intensa pressão da LA, pode ainda existir vários diferentes produtos do contato: criação de um estado de bilinguismo, morte de uma língua ou surgimento de novas línguas. Neste trabalho, interessa-nos mais o último produto do contato, o que se refere, de forma mais precisa, à criação de pidgins e crioulos.

Sendo uma consequência da aquisição incompleta de uma língua lexificadora, ou seja, uma língua de superstrato² (Carvalho & Lucchesi, 2016), um pidgin não tem falantes nativos e o seu surgimento resulta dos seguintes fatores: necessidades mínimas de comunicação, convívio limitado entre diferentes comunidades e limitadas áreas de interação social, nomeadamente o comércio (Faria, 2003). Assim, pode-se considerar que o pidgin é uma língua franca que é “lexically and structurally very restricted, but which has an amount of norms and stability across its speakers” (Parkvall, 2019: 262).

Tendo em conta as suas características linguísticas, trata-se de uma língua pouco gramaticalizada, uma vez

¹ Note-se que conceito de língua crioula e o conceito de variedades da língua portuguesa não são sinónimos ou equiparáveis. Tendo em conta a história dos estudos das línguas crioulas, pode-se afirmar que a visão das línguas crioulas registada no fim do século XIX e no início do século XX está associada com o conceito de “dialecto de Português” ou “variedade de Português”. No entanto, a classificação dos crioulos como “variedades do português” foi abandonada com o desenvolvimento dos estudos crioulos. (cf. Pereira, 2006).

² Relativamente à distinção entre os conceitos “substrato” e “superstrato”, cf. Kouwenberg & Singler (2008).

que se nota, na maioria dos casos, a simplificação³ ou redução relativamente à sua morfologia e à estrutura sintática. No entanto, quando o pidgin passa a ser a primeira língua de uma comunidade, um crioulo nasce, o que demonstra que “by definition, a creole has a pidgin – or a pre-pidgin jargon without norms – in its ancestry” (Holm, 2010: 256). Este processo de formação denomina-se criouliização.

Quanto ao processo de criouliização, considera-se que existem principalmente duas tendências: (1) propriedades universais; (2) *input* do superstrato e do substrato. Estas duas tendências correspondem, respetivamente, a dois processos de gramaticalização: gramaticalização motivada de forma interna e gramaticalização de forma externa⁴. No entanto, como defendem Heine & Kuteva (2010), “both language-internal change and contact-induced change are natural” (Heine & Kuteva, 2010: 87).

Se tomarmos o Kristang como exemplo concreto, acentua-se que o português, como língua de superstrato, influencia profundamente a formação deste crioulo. No entanto, devido ao acesso limitado ao superstrato, os falantes também recorrem a estruturas gramaticais das suas próprias línguas nativas durante o processo de gramaticalização, a que chamamos “relexificação” (Lefebvre, 1998) ou “transferência de substrato” (Siegel, 2008). Neste sentido, pode-se concluir que cada contexto local também tem a sua influência sob as propriedades tipológicas e sociolinguísticas de um crioulo, o que exatamente reflete a importância da **interação ecológica** durante o seu processo de formação e reestruturação.

2.2. Condições do contato: interação ecológica

Em comparação com a mudança inerente às línguas, a mudança decorrente do contato é realizada quando o conhecimento linguístico dos falantes, em contato com outras línguas, se caracteriza pela estabilidade e incompletude, que normalmente é considerada como um resultado da aquisição natural de uma língua segunda (Winford, 2012). Nesta linha de pensamento, tanto a

LA como a LO sofrem ruturas durante a sua transmissão como um todo. No entanto, como afirma Ansaldo (2010), a mudança do contato, que resulta de diferenças estruturais entre a LA e a LO, pode ser considerada, na maioria dos casos, como “change as evolutionary, following other complex adaptive systems” (Ansaldo, 2010: 500), uma vez que a razão pela qual ocorre a mudança refere-se à interação ecológica e os mecanismos de mudança consistem em seleção e replicação.

Numa ecologia multilingual, que é uma das condições típicas no que diz respeito à formação do contato de línguas, as propriedades de diferentes variedades “can be seen as being in competition with one another (...) that explains why languages change and why speakers vary in their usage” (Ansaldo, 2010: 502). Assim, relativamente aos crioulos de base portuguesa do Sudeste Asiático, mesmo a língua portuguesa assumindo uma função do superstrato nesta ecologia, é importante termos em consideração o facto de que algumas línguas locais também poderem marcar a sua presença no processo da seleção e da replicação de propriedades linguísticas, tais como diferentes variedades do Malaio e do Chinês.

Aliás, do ponto de vista socio-histórico, o percurso e o resultado do contato dependem dos vários fatores relacionados com “o tipo de relação que as respectivas comunidades estabelecem e o tempo durante o qual a mantêm” (Mota, 1996: 509). Esses fatores incluem desde a delimitação política das fronteiras nacionais e a imigração (implementação de minorias linguísticas) até à colonização ou ocupação de outros países.

Sintetizando, a interação ecológica constitui o núcleo de um modelo evolutivo quanto à mudança linguística e a abordagem ecológica também nos permite analisar tanto a ecologia interior (elementos linguísticos) como a ecologia exterior (fatores socio-históricos) (Mufwene, 2001). Importa salientar também que a transmissão é geralmente realizada de maneira aleatória e criativa, abrangendo mais do que uma língua só no contexto em que os crioulos surgem.

³ A simplificação, usada neste contexto, é definida como “(...) um movimento de + marcado > - marcado (que se baseia na relativa facilidade de perceção e de produção, redundando na coincidência com as noções de complexo e de simples)” (Mota, 2003: 519).

⁴ Para a distinção entre estes dois processos de gramaticalização, veja Baxter (1996), Heine e Kuteva (2010) e Winford (2012).

De facto, isso torna-se mais evidente quando analisamos a formação e a evolução do Crioulo de Malaca, o Kristang.

3. Ecologia do contato de línguas do Sudeste

Asiático

O Kristang é um crioulo “born of the contacts between speakers of Portuguese and speakers of local and other languages” (Baxter & de Silva, 2004: vii), como também o confirma Hancock (1970), ao afirmar que o Kristang “has its origins in the early Portuguese lingua franca or ‘Low Portuguese’ which probably originated in the fifteenth century on the West African coast” (Hancock, 1970: 297). Várias outras línguas, como substratos, também influenciam os aspetos gramaticais e fonológicos do Kristang, tais como diferentes variedades do Malaio (inclusive variedades de contato e crioulos), variedades do Chinês e diversos crioulos indo-portugueses, que estiveram em contato com Kristang por causa do estabelecimento de relações comerciais ainda depois da administração holandesa de Melaka (Fernando, 2006). Além disso, o Neerlandês e o inglês também deixam marcas sobretudo no léxico do Kristang (Wong, 2019).

Como já foi referido, é de grande importância que se tome em conta a ecologia do contato de línguas ao abordar algumas características do Kristang, por isso, em seguida apresentar-se-á a dita ecologia do Sudeste Asiático, mais especificamente a de Malaca devido ao facto de as raízes do Kristang se encontrarem na conquista de Malaca por portugueses em 1511 (Baxter, 2010).

3.1. O Sudeste Asiático e Malaca antes dos períodos coloniais

Ao analisar a história desta região, o comércio é um tema ao qual se deve prestar grande importância, dado que as atividades comerciais constituem um fator essencial para o desenvolvimento desta região.

De acordo com Andaya & Andaya (1982), existem duas razões pelas quais as atividades comerciais prosperaram no arquipélago malaio, sendo uma relacionada com o facto de a região gozar de uma grande variedade de recursos naturais e a outra relativamente à sua localização especial e vantajosa.

Segundo os mesmos autores, por um lado, a abundância dos recursos naturais, tais como madeira das florestas, minerais e produtos do mar, permitia, naquela altura, a venda dos mesmos, possibilitando o desenvolvimento dos mercados e, por outro lado, devido à localização estratégica, passavam por lá barcos envolvidos numa rede de comércio que ligava o Sudeste Asiático com a China, a Índia, o Médio Oriente, a África, etc. A situação fez com que fosse surgindo gradualmente uma série de cidades portuárias que providenciavam aos comerciantes um sítio onde podiam pousar.

Além das instalações, bem como os pontos de recolha e de intercâmbio, também facilitavam as atividades de comércio. Entre essas cidades portuárias emergentes destacava-se uma que viria a ser o ponto focal dos comércios marítimos, a cidade de Malaca. A cidade de Malaca foi fundada no começo do século XV e nela se juntavam os povos vindos de diferentes partes do mundo, contribuindo para o pluralismo linguístico e cultural desta região. Desta maneira, pode-se verificar que, antes da chegada dos ocidentais, já se formou nesta parte do Sudeste Asiático a situação onde o contato das línguas foi algo de forte presença (Ansaldó, 2010). Nessa altura em Malaca, para além dos malaios, também havia comunidades chinesas e indianas, entre outras. Assim, surgiu um pidgin de base malaia chamado Malaio Bazaar, satisfazendo as necessidades mínimas de comunicação entre as várias comunidades (Baxter, 1988). Assume-se que esta variedade foi influenciada por outras línguas locais, especialmente diferentes variedades do Chinês. Neste sentido, considera-se geralmente que é o Malaio Bazaar que exercia funções de um substrato com o qual o Português entrou em contato após a conquista de Malaca em 1511.

3.2. As incursões dos ocidentais

No século XVI, a chegada dos navegadores e soldados portugueses a Malaca implicou na entrada da língua portuguesa nesta ecologia linguística. Segundo Baxter (2005), devido ao facto de os portugueses serem somente um grupo minoritário nas suas colónias, incentivou-se a criação de uma classe de “casados”, termo que se refere aos portugueses europeus casados com as mulheres locais. Assim, esta situação produzia

“stable bi- and multi-lingual *mestiço* populations loyal to Portugal” (Baxter, 2005: 10). Importa salientar também que a religião católica era de grande importância para esta comunidade, visto que daí veio o nome “Kristang” (a palavra em Português seria Cristão) que é utilizado para denominar este povo, bem como a sua religião e a sua língua.

A estadia dos portugueses em Malaca entre 1511 e 1641 permitia que se formasse uma comunidade mestiça que possuía a sua própria língua. Em 1641, os holandeses tomaram o controlo de Malaca. Desde então, apesar de Portugal ter perdido quase todo o contato com as comunidades portuguesas na região, o Kristang continuava a subsistir nesta região.

Entre 1641 e 1795, com a região sob o controlo dos holandeses, muitos holandeses casaram-se com euroasiáticas de origem portuguesa e o Kristang continuou a ser uma das línguas francas em Malaca, uma vez que, de acordo com Baxter (2005), os descendentes portugueses constituíam o maior grupo étnico. E mesmo com o neerlandês como língua oficial, o facto de que os holandeses serem somente um grupo minoritário significava que as influências desta língua só podiam ser muito limitadas relativamente à evolução do Kristang, concentrando-se apenas em termos do empréstimo lexical (Hancock, 1970). Além disso, até os holandeses usavam o Kristang em casa com as suas mulheres e nas igrejas também (Baxter, 1988).

Entre 1795 em 1957, ano em que a Malásia se tornou independente, Malaca esteve sob o controlo dos britânicos (houve uma interrupção em que os holandeses dominaram novamente a região entre 1818 e 1925). Durante este período, no *Portuguese Settlement*, estabelecido em 1933 com o apoio da administração britânica, formou-se uma comunidade relativamente grande e, portanto, nesta zona com superfície de 28 acres, ainda se usava o Kristang. Esta iniciativa, sem dúvida nenhuma, contribuiu para a preservação desta língua. Porém, posteriormente, por razões económicas, muitos residentes começaram a sair de Malaca, emigrando para outros sítios como, por exemplo, Singapura e Kuala Lumpur. Perante tal, o prestígio do Inglês fez com que muitas famílias da classe média da comunidade valorizassem mais o Inglês do que o Kristang, o que resultou, de certa forma, no declínio do

Kristang. Nestas circunstâncias, o Inglês também deixou as suas marcas sobretudo em relação ao léxico deste crioulo. No entanto, mesmo assim, deve-se recordar que as influências do Malaio Bazaar (uma das variedades do Malaio) são as mais consideráveis e profundas (Holm, 1989).

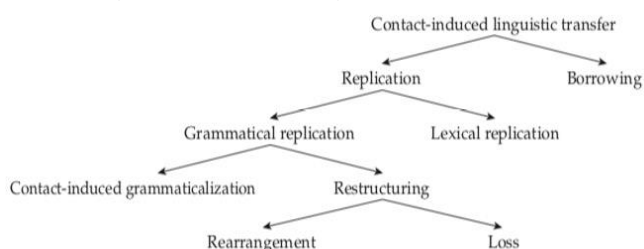
Esta breve apresentação relativamente à ecologia do contato de línguas do Sudeste Asiático e de Malaca permite-nos ter uma ideia mais clara sobre a formação e a evolução do Kristang, um processo que conta com as interferências entre o Português (superstrato) e outras línguas (substratos).

4. Características gramaticais do Kristang

Como já foi anteriormente referido, geralmente considera-se que os processos de mudança responsáveis pela criação da gramática de um crioulo envolvem a gramaticalização motivada de forma interna e externa (Bruyn, 2008). Neste sentido, o contato entre línguas e a gramaticalização não são dois aspetos mutuamente exclusivos, mas sim “they may work in conspiracy with each other” (Heine & Kuteva, 2010: 87). Como se pode observar na Figura 1, a transferência linguística induzida pelo contato inclui duas maneiras: (i) empréstimo; (ii) replicação lexical e gramatical.

O empréstimo refere-se à transmissão envolvida em elementos fonéticos ou significados lexicais, ao passo que a replicação reside no facto de que os falantes criam novas estruturas gramaticais ou unidades lexicais através de recursos disponíveis da LA. Assim, ao abordar as características gramaticais do Kristang, adota-se uma perspetiva tipológica, ou “matriz tipológica” (Ansaldo, 2009) de modo a analisar a influência tanto da língua de superstrato como dos outros substratos na evolução do Kristang nesta ecologia multilingual.

Figura 1 – Tipos principais da transferência linguística induzida do contato (Heine & Kuteva, 2010)



4.1 Tipologia flexional e isolante

De uma perspectiva tipológica, que leva em consideração as relações genealógicas, muitas línguas não podem ser consideradas filiadas a uma ou outra das suas progenitoras, visto que não ocorre uma transmissão normal (Mota, 1996).

Quanto ao caso do Kristang, é necessário identificar, preliminarmente, a diferença tipológica entre o Português e outras línguas de Malaca, sobretudo, o Malaio Bazaar. O Português é classificado como uma língua flexional, que recorre ao uso de diferentes morfemas (combinação de afixos e radicais) a expressar categorias gramaticais. No entanto, as diferentes variedades do Malaio (inclusive variedades de contato e crioulos), bem como as outras línguas faladas nesta região como o Chinês, pertencem às línguas isolantes, que apresentam um alto grau de analitismo. Muitos crioulos, de facto, também podem ser considerados como línguas isolantes⁵, mas as explicações para o desaparecimento dos afixos morfológicos divergem, como defende Ansaldo (2010):

This is true of many creole languages of the Caribbean too as well as other contact languages, a fact that has led a number of scholars to argue that morphology is “lost” in the histories of these languages. However, (...) there could be another explanation: that the languages that evolve out of specific contact situations inherit the morphology of the so-called substrate languages. (Ansaldo 2010: 506)

Nesta linha de pensamento, a gramática do Kristang é composta por propriedades típicas derivadas da interação entre o Português e outras línguas existentes nesta ecologia de contato. Como já referido, não se pode assumir que a gramática do Kristang descenda apenas do Português, uma vez que a relação de competição entre as diferentes línguas neste contexto também nos permite encontrar, nas línguas locais, explicações para algumas características deste crioulo.

4.2 Concordância

Quanto à concordância verbal, os verbos em Kristang, contrariamente ao sistema verbal do Português, não apresentam variação pessoal nem temporal. Essa propriedade existe igualmente na maioria das línguas faladas em Malaca, tal como o Malaio Bazaar. Vejam-se os seguintes exemplos em Kristang (1) e em Malaio Bazaar (2):

(1) (Baxter, 1988)

a. nus já pegá ígua kambráng así grandi.
nós MA⁶ pegar um caranguejo assim grande,
“Nós já apanhamos um caranguejo tão grande.”

b. Eli gostá bai pegá isi kanbráng.
ele gostar ir pegar esse caranguejo.
“Ele gosta de ir apanhar esse caranguejo.”

(2) (Aye, 2005)

a. Ada booking sekarang?
haver reserva agora
“Há qualquer reserva agora?”

b. Sini dulu sini ada.
aqui antes aqui haver
“Havia aqui antes.”

No entanto, no caso dos três verbos “ir”, “vir” e “ter”, usa-se sempre a sua forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo do Português, que são “bai”, “beng” e “teng” respetivamente. Vejam-se os seguintes exemplos em Kristang:

(3) (Thurgood & Thurgood, 1996)

a. Mutu tantu jenti ja beng visitá ku yo.
muito tanto gente MA vir visitar a/para eu
“Muita gente veio visitar-me.”

b. Ozi anoti nos tudu keré bai greza.
hoje à noite nós tudo querer ir igreja
“Hoje à noite nós todos queremos ir à igreja.”

Uma das razões que pode explicar essa propriedade consiste na replicação espontânea numa ecologia multilingual, que é “(...) highly idiosyncractic and the vast majority of instances of it (...) are judged as what are commonly referred to as ‘speech errors’ (...)” (Heine & Kuteva, 2010). Neste sentido, os erros, ou as inovações

⁵ Há certamente alguns processos morfológicos nas diferentes variedades do Malaio. Por exemplo, a designação de *Portuguese Settlement* em Malaio (Bahasa Malaio ou Alto Malaio) é *Perkampungan Portugis*. O termo *perkampungan* “acampamento” deriva da palavra *kampung* “vila, bairro, quarteirão, campo”. Assim, nós vemos “per-“ e “-na” como prefixo e sufixo. Outro exemplo é *sayang* “amor, pena” que também pode sofrer um processo morfológico em Alto Malaio para expressar “meu amor”: *sayangku*. Em Malaio vernacular, é possível ouvir *sayang saya*; em Betawi Malay, *sayang saya*; em Baba Malay, *lu punya sayang*.

⁶ MA: Marcador aspetual

(Milroy & Milroy, 1985), que surgem durante o processo da aquisição/aprendizagem de uma língua segunda, depois de serem adotados e usados regularmente, podem chegar a fazer parte dos hábitos do falar e difundir-se para outros grupos de falantes e até para as futuras gerações (Heine & Kuteva, 2010).

Relativamente à concordância nominal, o Kristang parece encontrar-se a meio caminho entre o Português e as línguas faladas em Malaca. A maioria dos nomes em Kristang é invariável, ou seja, não varia nem em género nem em número. Contudo, mesmo o número sendo bastante limitado, ainda há alguns nomes (principalmente nomes dos seres humanos) que mantêm a distinção entre os dois géneros, nomeadamente “*kuzinyeru / kuzinyera*” (“cozinheiro / cozinheira”), “*nóibu / nóiba*” (“namorado, noivo/namorada, noiva”), “*sogru / sogra*” (“sogro / sogra”) e entre outros. Por outro lado, tal como os nomes, apesar de ser invariável a boa parte dos adjetivos em Kristang, alguns ainda concordam com nomes, mas apenas em género, tais como “*prigasonu / prigasona*” (“preguiçoso / preguiçosa”) e “*bemfetu / bemfeta*” (“bonito / bonita”) (Baxter, 1988).

4.3 Omissão do verbo copulativo

Vejam-se as seguintes frases em Kristang:

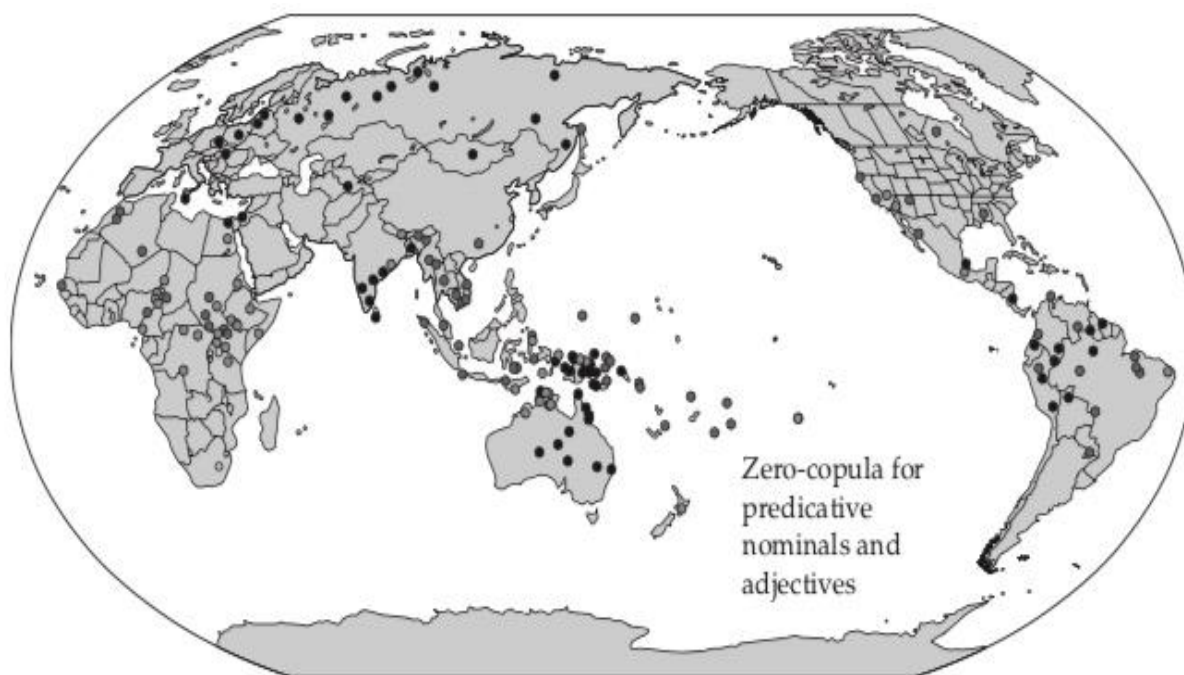
(4) (Baxter & Bastos, 2012)
 Isi cheru bomong forsa.
Este cheiro muito forte
 “Este cheiro é muito forte.”

(5) (Baxter, 1988)
 Aké kaza bedri.
Aquela casa verde
 “Aquela casa é verde.”

Tendo em consideração as frases em (4), verifica-se a ausência de verbo copulativo – com função equivalente ao verbo “ser” do Português – nas orações copulativas em Kristang. A predicação é construída sem qualquer verbo copulativo, sendo somente o adjetivo interpretado como um predicado.

Do ponto de vista tipológico, a omissão do verbo copulativo também é uma propriedade comum de muitas línguas faladas na Ásia, como ilustra a Figura 2. Nessas línguas, “it is typically related to another feature commonly found in insulating languages, namely the absence of a clear distinction between the word classes we know as ‘verbs’ and ‘adjectives’ (...)” (Ansaldo, 2010: 506).

Figura 2 – Línguas em que é possível omitir o verbo de cópula nas orações copulativas (Ansaldo, 2010)



Neste sentido, vejam-se as seguintes frases do Malaio Bazaar em que ocorre a omissão do verbo copulativo:

(6) (Aye, 2005)

a. Saya sudah tua sekarang.

eu MA velho agora

“Eu estou muito velho agora.”

b. Dia tak gemuk.

ela não gordo

“Ela não é gorda.”

No entanto, como) afirma Baxter (1988, em Kristang “(...) adjectives in a predicative function are highly restricted as to premodification by Tense, Mood and Aspect (TMA) particles” (Baxter, 1988: 57). Por exemplo, o marcador aspetual, “ta”, pode ocorrer com alguns adjetivos específicos, marcando a atribuição ao sujeito (mais precisamente, o sujeito de uma predicação em vez do sujeito gramatical da oração) de uma propriedade mais ou menos passageira⁷. Vejam-se os seguintes exemplos:

(7) (Baxter, 1988)

a. Eli ta godru.

ele MA gordo

“Ele está gordo.”

b. John ta duénti.

John MA doente

“O John está doente.”

Como se pode observar nos exemplos apresentados, a gramaticalização do marcador aspetual “ta” reflete o processo de gramaticalização original na formação do Kristang. Nas línguas faladas em Malaca, como o Malaio (e as suas variedades), “neither the ‘inchoative’ nor the ‘actual’ value of *ta* + adjective is to be found in Malay, where the non-punctual marker *sedang* may not occur with adjectives” (Baxter, 1988: 131). No entanto, nas orações copulativas em Português, os verbos copulativos, apesar de não terem um sentido

descritivo, contribuem semanticamente para veicular valores do aspeto e da modalidade (Raposo, 2013).

4.4 Tempo e aspeto

A marcação do tempo e aspeto em Kristang, de uma perspetiva tipológica, também se relaciona com a influência dos substratos isolantes nesta ecologia⁸. Nas línguas isolantes como diferentes variedades do Malaio e do Chinês, recorre-se principalmente a expressões adverbiais ou princípios pragmáticos a localizar temporalmente situações. Quanto às informações aspetuais, a maneira mais relevante para codificar diferentes valores aspetuais geralmente constitui a utilização dos marcadores aspetuais⁹. Os marcadores aspetuais são os morfemas não ligados foneticamente às raízes verbais e em Kristang, usam-se principalmente três marcadores aspetuais a veicular perfectividade e imperfectividade, “kaba”, “ja” e “ta”. Vejam-se as seguintes frases:

(8) (Baxter, 1988)

Kora yo ja chegá nali, eli kaba sai.

quando eu MA chegar ali ele MA sair

“Eu cheguei ali, ele (já) tinha saído.”

(9) (Thurgood & Thurgood, 1996)

Isti tigre ja preguntá ku isti omi.

este tigre MA perguntar a/para este homem

“Este tigre já perguntou a este homem.”

(10) (Baxter, 1988)

Eli ta les buku.

ele MA ler livro

“Ele está a ler um livro.”

Como se pode observar nas frases exemplo, verifica-se que a criação do sistema temporo-aspeto do Kristang envolve os processos de mudança decorrente do contato em que as unidades lexicais ou morfemas do superstrato (neste caso, o Português) “assumed the syntactic and other properties of substrate functional categories, including (...) tense aspect markers (...)”

⁷ Na maioria dos casos, usa-se o marcador “ta” a veicular o aspeto imperfeito (progressivo). Em relação a este assunto, veja a próxima subseção.

⁸ A formação do sistema temporo-aspeto das línguas crioulas tem sido um dos tópicos de intensa investigação. Winford (2012) defende que o surgimento da marcação do tempo numa língua crioula resulta da gramaticalização internamente motivada e que o processo da gramaticalização externamente motivada faz com que a marcação do aspeto apareça. No entanto, “(...) there is often no clear-cut dichotomy between internally and externally motivated changes, and that this makes the search for causal explanation even harder than it might otherwise be (...)” (Thomason, 2010).

⁹ Em relação à comparação dos sistemas temporo-aspetuais entre o Português e as línguas isolantes, veja, no caso do Mandarim, Yang (2020) e Oliveira, Silva & Yang (2020) no caso do Cantonense.

(Winford, 2012: 440). Como se pode observar, os três marcadores aspetuais em Kristang, “*kaba*”¹⁰, “*ja*” e “*ta*”, derivam todos do Português “acabar”, “já” e “estar”, respetivamente. No entanto, é impossível negar a influência significativa que o *input* do substrato marca na interpretação do valor aspetual. Por exemplo, o marcador “*kaba*”, tal como o marcador perfetivo “*habis*” em variedades do Malaio, somente pode ocorrer com predicados que representam eventos (Baxter, 1988; Thurgood & Thurgood, 1996; Winford, 2012).

Relativamente à localização temporal em Kristang, importa salientar aqui que, além da utilização de informação lexical e contexto específico do discurso, o marcador do futuro (MF) “*lo*”, que deriva do advérbio “logo” do Português, também contribui para a interpretação temporal e pode localizar uma situação descrita pela frase no tempo posterior ao tempo da enunciação (Maurer, 1985; Baxter 1988; Winford, 2012). Vejam-se as seguintes frases:

(11) (Baxter, 1988)

a. Sertu lo kai chua.
certamente MF cair chuva
“Irá chover certamente.”

b. Eli lo fiká duénti.
ele MF ficar doente
“Ele vai ficar doente.”

Tal como a influência do superstrato nos marcadores aspetuais, o marcador do futuro “*lo*”, apesar de que a sua utilização geralmente seja considerada como um resultado da gramaticalização motivada internamente do sistema temporo-aspeto (Winford, 2012), partilha também algumas propriedades com os marcadores aspetuais “*nanti*” e “*akan*” utilizados nas variedades do Malaio Bazaar de Melaka (Baxter, 1988:128), através dos quais se pode expressar a futuridade e obter uma interpretação irreal.

4.5 Reduplicação

A reduplicação refere-se à operação morfológica “(...) in which a new word (form) is created by copying a word or a part of it, and affixing that copy to the base” (Booij, 2007: 321). Por um lado, quase não se deteta a reduplicação em Português; por outro lado, em Kristang, como as outras línguas faladas em Malaca (línguas austronésias e diferentes variedades do Chinês), a reduplicação constitui “a very productive morphological device to derive new words” (Kluge, 2017: 187). Relativamente à formação da reduplicação, existem dois tipos de reduplicação em Kristang: (1) reduplicação inteira; (2) reduplicação parcial. Regra geral, a reduplicação pode ocorrer com nomes, adjetivos, advérbios e verbos¹¹, veiculando vários diferentes significados, tais como pluralidade, intensificação e continuidade. Vejam-se os seguintes exemplos do Kristang em que ocorre a reduplicação nestas 4 classes de palavras respetivamente:

(12) (Baxter, 1988)

a. Krensa-krensa prendeh gatinyah mazanti.
criança-criança aprender gatinhar primeiro
“As crianças aprendem a gatinhar primeiro.”

b. Eli belu belu ta bai mar.
Ele velho velho MA ir mar
“Quando ele estava muito velho, (ainda) ia pescar.”

c. Eli ja beng presta presta.
Ele MA vir rápido rápido
“Ele veio muito rápido.”

d. Yo olá ku eli ta remá remá.
Eu ver a/para ele MA remar remar
“Eu vi-o a remar.”

Como já foi referido, quando comparamos a reduplicação do Kristang com a dos substratos na mesma ecologia linguística, afirma-se que existe um paralelismo, relativamente às formas de reduplicação e as suas funções, entre o Kristang e as línguas desta região, nomeadamente o Malaio Bazaar e duas variedades do Chinês (Cantonense e Hokkien). Vejam-se a tabela a seguir:

¹⁰ Segundo Winford (2012), a maioria dos crioulos de base francesa usa “*fini*” (vem do Francês “*finir*”) como um marcador perfetivo. Contudo, no crioulo da Guiana Francesa, o marcador “*kaba*”, que ocorre sempre na posição posterior a um sintagma verbal, também tem origem no Português e pode veicular o valor de perfetividade.

¹¹ No entanto, mesmo pertencendo a estas 4 classes de palavras, algumas palavras não aceitam a reduplicação por causa do seu próprio significado. Em relação a este assunto, veja Baxter (1988).

Tabela 1 – Reduplicação na ecologia linguística de Malaca (adaptado de Ansaldo, 2004)

Categoria /Função	Kristang	Malaio Bazaar	Hokkien (Min)	Cantonense
Nome	Pluralidade	Pluralidade	Intimidade	Intimidade
Adjetivo	Intensificação	Intensificação ¹²	Intensificação	Intensificação
Advérbio	Intensificação	Intensificação	Intensificação	Intensificação
Verbo	Continuidade	Atenuação/continuidade	Atenuação	Atenuação/continuidade

Como se pode observar, verifica-se que são os substratos, em vez do superstrato, os responsáveis pela evolução das funções de reduplicação do Kristang, entre os quais o Malaio Bazaar toma uma posição relativamente mais relevante. De acordo com Matras (2000), a transmissão do (sub)conjunto inteiro de propriedades gramaticais de uma língua para a outra pode ser descrita como “fusão categorial”, que indica que os sistemas (paradigmas) estreitamente organizados, “(...) in particular those with high discourse prominence, can and will be transferred from one language to the other *in toto* in contact situations” (Ansaldo, 2010:512).

4.5 Empréstimo lexical

Relativamente ao léxico do Kristang, a maioria do léxico provém do superstrato, o Português. No entanto, como foi referido antes, o Kristang não apenas toma emprestada dos substratos, mas também tem algumas palavras que tem origem no Neerlandês ou no Inglês.

Quanto ao uso de empréstimos pertencentes a substratos, verifica-se que as palavras de origem malaia quase não sofrem qualquer alteração da pronúncia ou do significado original em Kristang. No caso do Neerlandês, adotam-se somente poucas palavras, mas geralmente são palavras de uso frequente. No que diz respeito ao Inglês, a sua influência encontra-se relativamente mais recente, mas torna-se cada vez mais forte por ser uma das línguas que os falantes nativos do Kristang também usam. Segue-se uma tabela de palavras que o Kristang toma emprestadas do Malaio, do Neerlandês e do Inglês (Hancock, 1970):

Tabela 2 - Empréstimos de origem malaia

Kristang	Malaio	Português
Capal	Capal	Sandália
Kacang	Kacang	Feijão
Kutang	Kutang	Sutiã
Pun	Pun	Também
Tengah	Tengah	Centro

Tabela 3 - Empréstimos de origem neerlandesa

Kristang	Neerlandês	Português
Andóku	Handdoek	Toalha
Atapel	Aardappel	Batata
Búku	Boek	Livro
Fraí	Fraai	Bonito
Orlózi	Horloge	Relógio

Tabela 4 - Empréstimos de origem inglesa

Kristang	Inglês	Português
Gaun	Gown	Vestido
Saspan	Saucepan	Panela
Syop	Shop	Loja

5. Considerações finais

Neste trabalho, tomando como exemplo concreto o Kristang, propusemo-nos ilustrar o contexto do contato linguístico entre o Português e outras línguas faladas em Malaca, apresentar algumas propriedades linguísticas do Kristang, bem como analisar as relações entre o superstrato e os substratos nesta ecologia linguística no que concerne a formação e a evolução deste crioulo.

Do ponto de vista da abordagem ecológica, a interação ecológica constitui um fator típico que beneficia o contato de línguas, facilita o surgimento de novas línguas e contribui para o processo de gramaticalização dessas línguas. Durante este percurso progressivo, que abrange vários diferentes estádios e mecanismos, o superstrato e o substrato influenciam-se mutuamente, mas de formas diferentes. Neste sentido, as propriedades gramaticais de um crioulo também podem ser consideradas como diferentes resultados da competição entre o superstrato e o substrato existentes numa ecologia multilingual.

¹² Nota-se que neste caso, a reduplicação também pode veicular atenuação nalgumas outras variedades coloquiais do Malaio (Ansaldo, 2010).

Referências

- ANDAYA, Barbara Watson & ANDAYA, Leonard Y (1982) *A History of Malaysia*. London: Macmillan.
- ANSALDO, Umberto (2004) «The evolution of Singapore English: finding the matrix» Em *Singapore English: A Grammatical Description*, ed. por Lisa Lim, pp. 129-152. Amsterdam: John Benjamins.
- ANSALDO, Umberto (2009) *Contact Languages: Ecology and Evolution in Asia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANSALDO, Umberto (2010) «Contact and Asian Varieties of English» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 498-518. Oxford: Wiley-Blackwell.
- AYE, Khin Khin (2005) *Bazaar Malay: History, grammar and contact*. National University of Singapore, PhD dissertation.
- BAXTER, Alan (1988) *A Grammar of Kristang*. Canberra: Pacific Linguistics.
- BAXTER, Alan (1996) «Línguas pidgin e crioulas». Em *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, ed. por Isabel Hub Faria et al., pp. 535 - 549. Lisboa: Lisboa Caminho.
- BAXTER, Alan (2005) «Kristang (Malacca Creole Portuguese) – A Long-Time Survivor Seriously Endangered». *Estudios de Sociolingüística* 6(1): 1-37.
- BAXTER, Alan (2010) «Vestiges of etymological gender in Malacca Creole Portuguese». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25(1): 120 - 154.
- BAXTER, Alan & BASTOS, Augusta (2012) «A closer look at the post-nominal genitive determiner in Asian Creole Portuguese ». Em *Ibero-Asian Creoles: comparative perspectives*, ed. por Hugo Cardoso & Alan Baxter & Mário Nunes, pp. 47-80. Amsterdam: Benjamins.
- BAXTER, Alan & SILVA, Patrick (2004) *A Dictionary of Kristang (Malacca Creole Portuguese) – English*. Canberra: Pacific Linguistics.
- BOOIJ, Geert E. (2007) *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford & New York: Oxford University Press.
- BRUYN, Adrienne (2008) «Grammaticalization in Pidgins and Creoles». Em *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, ed. Silvia Kouwenberg & John Victor Singler, pp. 385-411. Oxford: Wiley-Blackwell.
- CARVALHO, Ana M. & LUCCHESI, Dante (2016) «Portuguese in Contact». Em *The Handbook of Portuguese Linguistics*, ed. por W. Leo Wetzels & João Costa & Sergio Menuzzi, pp. 41-56. Indianapolis: Wiley Blackwell.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DECAMPE, David (1971) «Toward a generative analysis of a post-creole speech continuum». *Hymes 1971*: 349-370.
- FARIA, Isabel Hub (2003) «Contato, variação e mudança linguística». Em *Gramática da Língua Portuguesa*, ed. por Mateus et al., pp. 31 - 36. Lisboa: Lisboa Caminho.
- FERNANDO, Radin (2006) *Murder most foul: a panorama of social life in Melaka from the 1780s to the 1820s*. Kuala Lumpur: Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society.
- HANCOCK, Ian (1970) «Some Dutch-Derived Items in Papia Kristang». *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 3: 352 - 356.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania (2010) «Contact and Grammaticalization» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 86-105. Oxford: Wiley-Blackwell.
- HOLM, John (1989) *Pidgins and creoles: Reference survey (Volume 2)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLM, John (2010) «Contact and Change: Pidgins and Creoles». Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp.252 - 261. Oxford: Wiley-Blackwell.
- KLUGE, Angela (2017) *A Grammar of Papuan Malay*. Berlin: Language Science Press.
- KOUWENBERG, Silvia & SINGLER, John V. (2008) «Introduction». Em *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, ed. por Silvia Kouwenberg & John Victor Singler, pp. 1 - 17. Oxford: Wiley-Blackwell.
- LEFEBVRE, Claire (1998) *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: The Case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LUCCHESI, Dante (2008) «Aspetos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto». Em *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*, ed. por Claudia Roncarati & Jussara Abraçado, pp. 366-390. Niterói: EDUFF.
- LUCCHESI, Dante (2012) «A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas». *Estudos de Lingüística Galega* 4: 45-65.

- MATRAS, Yaron (2000) «Fusion and the cognitive basis for bilingual discourse markers». *International Journal of Bilingualism* 4(4): 505-528.
- MAURER, Philippe (1985) «Le système temporal du Papiamentu et le système temporal proto-créole de Bickerton». *Amsterdam Creole Studies*, 8:16-32.
- MCWHORTER, John (2019) «Creoles» Em *The Oxford Handbook of Language Contact*, ed. por Anthony P. Grant, pp. 282-302. Oxford: Oxford University Press.
- MILROY, Lesley & MILROY, James (1985) «Linguistic change, social network and speaker innovation». *Journal of Linguistics* 21: 339-384.
- MINTZ, Malcom W. (1994) *A Student's Grammar of Malay and Indonesian*. Singapura: EPB Publishers Pte Ltd.
- MOTA, Maria Antónia Coelho (1996) «Línguas em Contacto». Em *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, ed. por Isabel Hub Faria et al., pp. 505 - 533. Lisboa: Lisboa Caminho.
- MUFWENE, Salikoko (2001) *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARKVALL, Mikael (2019) «Pidgins» Em *The Oxford Handbook of Language Contact*, ed. por Anthony P. Grant, pp. 261-281. Oxford: Oxford University Press.
- PEREIRA, Dulce. (2006) *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- RAPOSO, Eduardo P. (2013) «Orações copulativas e predicções secundárias». Em *Gramática do Português*, vol. II, ed. por Raposo et al., pp. 1285 - 1354. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROMAINE, Suzanne (1988) *Pidgin and Creole Languages*. London & New York: Longman.
- SEGURA, Luisa (2013) «Geografia da Língua Portuguesa». Em *Gramática do Português*, vol. I, ed. por Raposo et al., pp. 71 - 85. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIEGEL, Jeff (2008) *The Emergence of Pidgin and Creole Language*. Oxford: Oxford University Press.
- THOMASON, Sarah (2010) «Contact Explanations in Linguistics» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 31-48. Oxford: Wiley-Blackwell.
- THURGOOD, Ela & THURGOOD, Graham (1996) «Aspect, Tense or Aktionsart?: The Particle JA in Kristang (Malacca Creole Portuguese)». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 11(1): 45-70.
- WINFORD, Donald (2012) «Creole Languages». Em *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, ed. por Robert I. Binnick, pp. 428 - 457. Oxford & New York: Oxford University Press.
- WONG, Kevin Martins (2019) «Kodrah Kristang: The Initiative to Revitalize the Kristang Language in Singapore». Em *Documentation and Maintenance of Contact Languages from South Asia to East Asia: issues on theory and practice*, ed. por Mário Pinharanda-Nunes & Hugo C. Cardoso, pp. 35 - 121. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- YANG, Aoran (2020) «Sistema Tempo-Aspecto: Um Estudo Comparativo entre Português Europeu (PE) e Mandarim». *Diacrítica* 34(3): 48-79.
- YANG, Aoran & OLIVEIRA, Fátima & SILVA, Fátima (2020). «A Distinção entre Pretérito Imperfeito (PI) e Pretérito Perfeito (PPS) em Português Europeu (PE) por Estudantes de Nível B2 com L1 Cantonês». Em *Macau e a Língua Portuguesa: Novas Pontes a Oriente*, ed. por Joaquim Coelho Ramos et., pp. 41-68. Macau: IPOR & IPM.